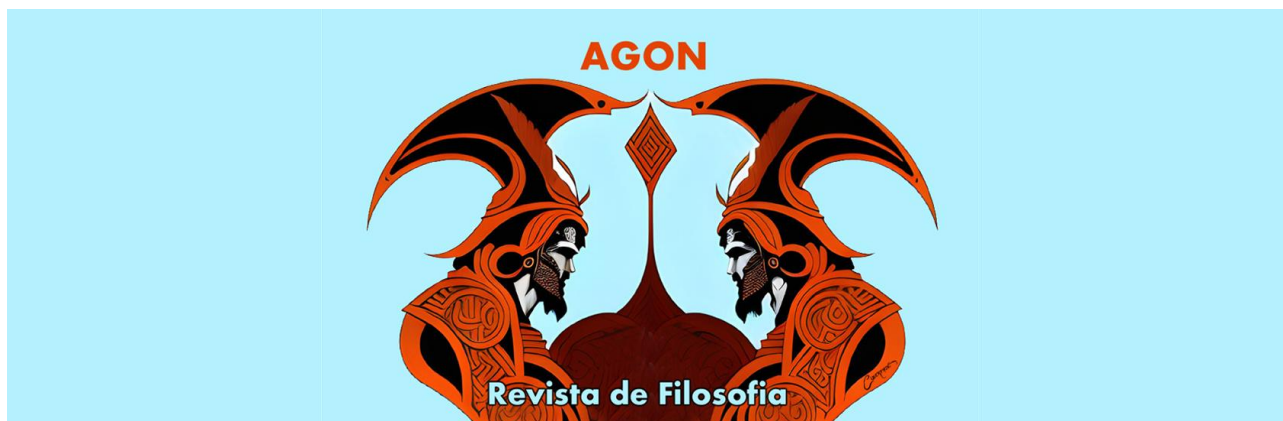




O ÓDIO NAS REDES SOCIAIS: uma investigação psicossocial à luz da teoria dos afetos de Espinosa

HATE ON SOCIAL NETWORKS: a psychosocial investigation in the light of Spinoza's theory of affects

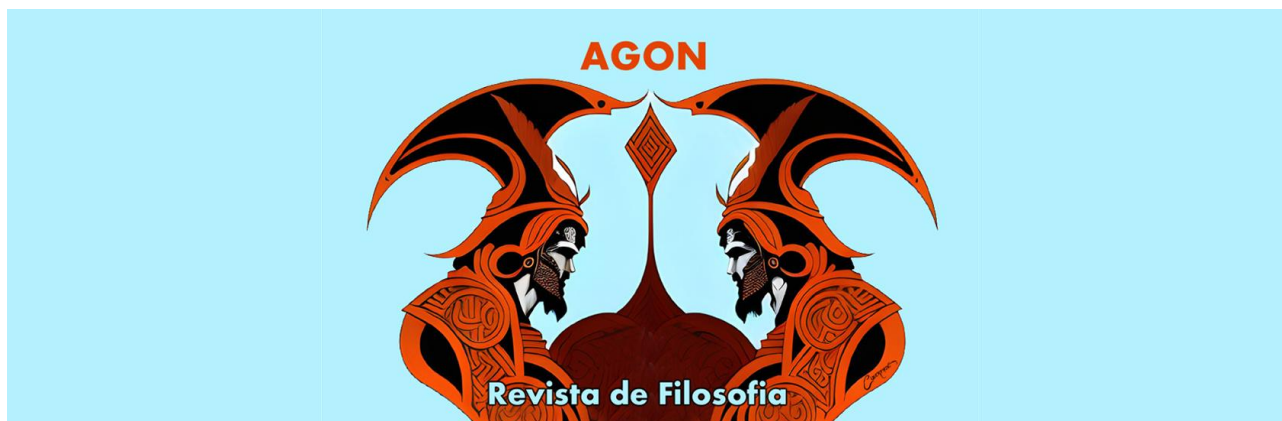
Jasmine Marlena de Sousa Nascimento¹

RESUMO: Há alguns anos, autores têm percebido uma crescente exacerbação do ódio nas redes sociais digitais, onde a diminuição do outro impera no mesmo movimento de inflação do eu, manifestado por sujeitos que incitam discursos e práticas de ódio ao outro. A partir da teoria dos afetos de Espinosa, podemos conceber esse ódio ao outro praticado na internet como o afeto da tristeza enquanto somos conscientes disso, gerado por uma compreensão limitada, baseada apenas nos afetos oriundos de signos ou imagens que nos afetam, diminuindo nossa potência de agir e, conseqüentemente, enfraquecendo o nosso *conatus*, isto é, ou seja, a nossa capacidade de ser, pensar e agir. Diante disso, questionamos: quais elementos atravessam a produção de subjetividades movidas pelo ódio nas redes sociais digitais? A fim de respondê-la, a metodologia utilizada será a revisão bibliográfica de obras de Espinosa, de seus comentadores, além de estudos psicossociais sobre as redes sociais na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Espinosa. Ódio. Teoria dos afetos. Redes sociais digitais.

ABSTRACT: A few years ago, authors have noticed a growing exacerbation of hatred in digital social networks, where the decrease in the other reigns in the same inflation movement as the self, manifested by subjects who incite hate discourses and practices to the other. From the theory of spinous affections, we can conceive of this hatred to the other practiced on the Internet as the affection of sadness as we are aware of this, generated by a limited understanding, based only on affections from signs or images that affect us, diminishing our power To act and, consequently, weakening our Conatus, that is, that is, our ability to be, to think and act. Given this, we question: What elements cross the production of subjectivities moved by hatred on digital social networks? In order to answer it, the

¹ Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão (2023). Especialista em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão, intermediado pelo Núcleo de Tecnologias para a Educação, UEMANET (2022). Especialista em Docência do Ensino Superior, pelo Instituto de Ensino de Superior Franciscano (2020). Graduada em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas / Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (2016).



methodology used will be the bibliographic review of Espinosa works, its commentators, as well as psychosocial studies on social networks in contemporary times.

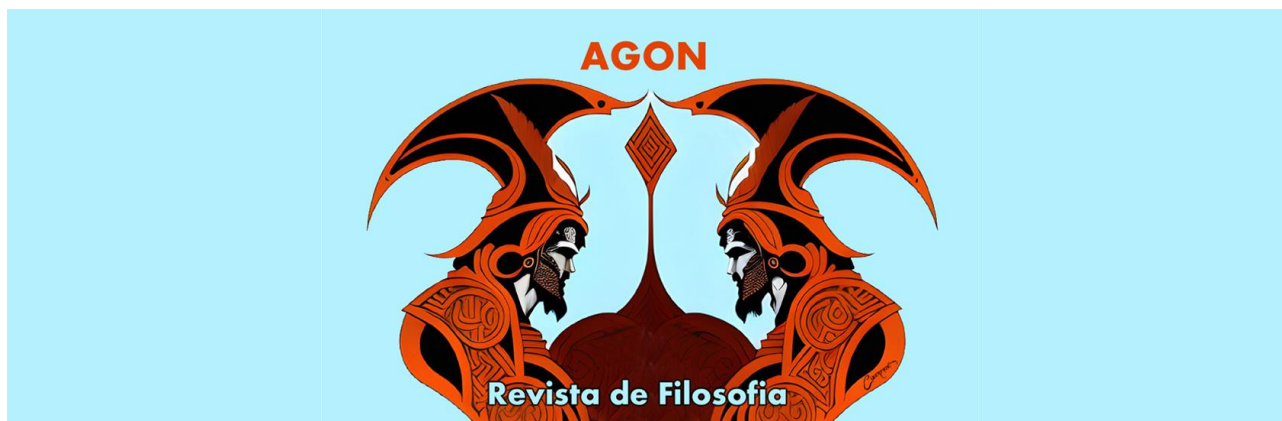
KEYWORDS: Espinosa. Hatred. Theory of affections. Digital social networks.

INTRODUÇÃO

Há alguns anos, especialmente nas primeiras duas décadas do século XXI, uma série de autores² têm chamado a atenção para uma crescente exacerbação do ódio nas redes sociais digitais, onde a diminuição do outro impera no mesmo movimento de inflação do eu, com apenas uma rápida imersão nessas redes sociais, fazendo emergir postagens e comentários de conteúdo agressivo contra grupos específicos. Isso porque as plataformas de mídias sociais se tornaram o espaço ideal para a experimentação e desenvolvimento de novas subjetividades e maneiras das pessoas se relacionarem umas com as outras. Em 2019 o mundo se deparou com o advento da Covid-19, uma enfermidade que colocou todos em pandemia e, conseqüentemente, em isolamento social, o que contribuiu para um crescimento exorbitante do consumo e do uso das redes virtuais (MOTA, 2022; JORNAL CONTÁBIL, 2020). Problemas psicossociais aumentaram, devido ao uso excessivo e inadequado dessas mídias sociais (MOTA, 2022). Nos últimos 10 anos, principalmente no ano de 2020, com a pandemia³ ocasionada pela Covid-19, essas “redes sociais” tais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Whatsapp* e *Youtube*, se disseminaram largamente e possibilitaram que os sujeitos, mesmo aqueles que quase não possuem interações ou ainda que não mais interagem entre si, mantivessem ligações entre os sujeitos para continuarem existindo (PENACHIONI; GUIORDI; PRADA, 2016).

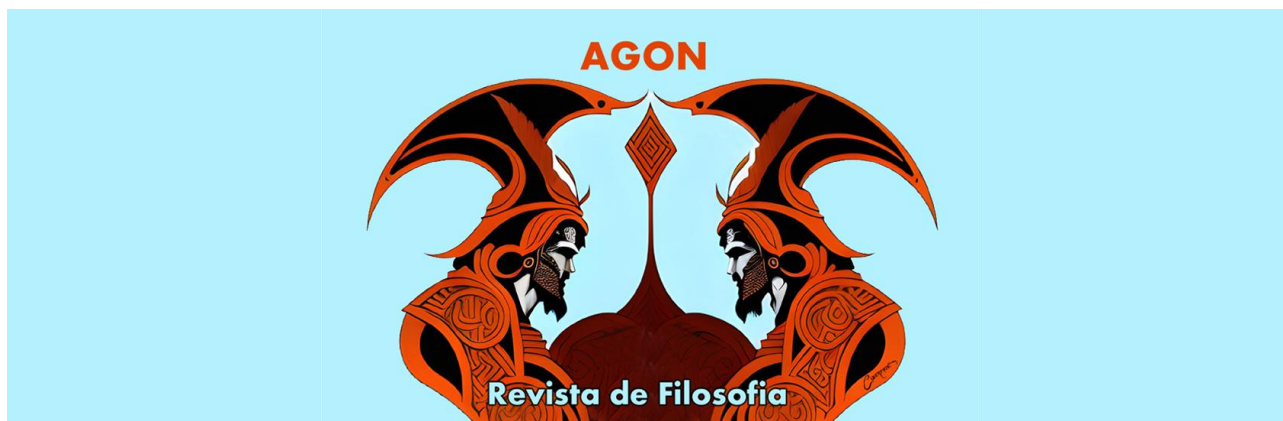
² Autores como Paula Sibilia (2016); Manuel Castells (1999); Evgeny Morozov (2018); Jonathan Crary (2016); Rogério da Costa (2004); e Raquel Recuero (2006) e (2009).

³ Em um estudo realizado por Mota (2022, p. 4), foi constatado que a pandemia do Covid-19 fez com que “as pessoas aumentassem a utilização de redes sociais, e que as principais razões para isso ter acontecido foram para estas falarem com amigos e família, para preencherem tempo livre, e para lerem notícias”.



Em razão desse aumento na utilização das redes sociais, com o avanço e popularidade dessas plataformas digitais e da sua onipresença na vida das pessoas na atualidade, os discursos de ódio migraram para as redes sociais, crescendo absurdamente nos últimos anos (TRINDADE, 2022; SAFERNET, 2015). Dessa forma, a partir das possibilidades e recursos oferecidos pelos dispositivos digitais para a comunicação e redes de sociabilidades e interatividades, os indivíduos têm encontrado novas formas de ser e estar no mundo. Porém, um dos pontos negativos que têm gerado consequências, é que a internet e o *cyberespaço* vêm revelando determinados sujeitos que incitam discursos e práticas de ódio ao outro, produzindo uma socialização baseada na polarização política, na identificação moral a traços de personalidade e na recusa da razão, isto é, do esforço de pensar a diferença (SIBILIA, 2016).

Um dos motivos que levam as pessoas a praticarem ações odiantas nas redes sociais digitais, bem como as utilizarem como mecanismos de inflação do eu, é se valerem do esconderijo que essas plataformas permitem, ou seja, tais sujeitos se aproveitarem das vantagens e facilidades como os diversos graus de anonimato e recursos que as mídias interativas oferecem para ocultarem-se por meio de perfis falsos, endereços eletrônicos que não existem e principalmente por estarem atrás de uma tela, para cometerem esse tipo de ato (RECUERO, 2009). Além disso, muitos desses discursos disseminados nas redes sociais vêm em forma de piadas, que é um modo de comunicação aceito socialmente, o que confere às pessoas odiantas uma espécie de blindagem e camuflagem, ou seja, usam de piadas depreciativas como recurso conivente para transmitir ideologias intolerantes, racistas, odiosas, misóginas, homofóbicas, xenofóbicas, etc., escondendo-se do flagrante (TRINDADE, 2022). Por meio dessas ferramentas, percebemos cada vez mais uma crescente

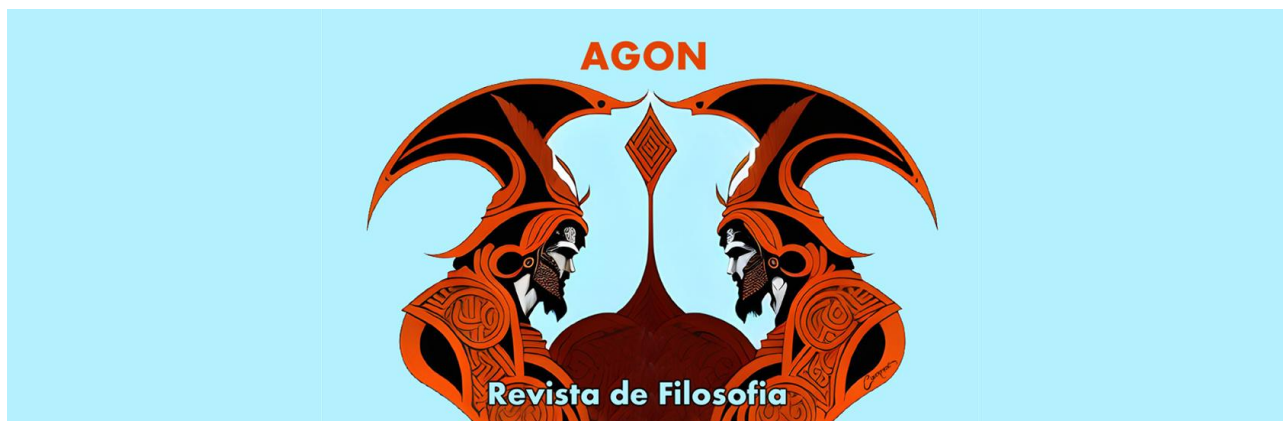


disseminação de discursos de ódio⁴, de preconceito, de racismo, intolerância e diminuição do outro, resultado de ações que ofendem e agredem o próximo nesses espaços de interação social. Discursos oriundos de usuários que demonstram uma fúria cega contra toda e qualquer opinião divergente, com comportamentos explosivos e com uma visão radical em torno de qualquer assunto. Contudo, é importante ressaltar que a causa desse fenômeno não são estritamente as tecnologias digitais, apesar de colocarem o problema em evidência (SIBILIA, 2016). Assim, observamos um consequente crescimento de uma massa de especialista em sua própria opinião⁵, que com a replicação de informações em grande quantidade nas redes, torna esses discursos cada vez mais comuns e presentes no ambiente virtual, externando constantes relações de conflitos, especialmente no campo das redes sociais digitais.

Assim, a partir da teoria dos afetos de Baruch de Espinosa, buscamos entender por que as pessoas proliferam ações de ódio, como por exemplo, com certas postagens nas redes sociais, que disseminam discursos odiosos e de diminuição do outro no mesmo movimento de ampliação exagerada do eu. Pensamos ser possível conceber esse ódio ao outro praticado na internet como o afeto da tristeza enquanto somos conscientes disso, gerado por uma compreensão limitada, baseada apenas nos afetos oriundos de signos ou imagens que nos afetam. Em função do exposto, nos questionamos: quais elementos atravessam a produção de subjetividades movidas pelo ódio nas redes sociais digitais? A fim de responder o

⁴ Aqui é interessante expor o que consideraremos como discursos de ódio ao longo deste estudo: “discursos de ódio se caracteriza pelas manifestações de pensamentos, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou grupo social, em função de características como gênero, orientação sexual, filiação religiosa. Raça, lugar de origem ou classe. Tais discursos podem ser manifestados verbalmente ou por escrito, como tem sido cada vez mais frequente nas plataformas de redes sociais” (TRINDADE, 2022, p. 17).

⁵ Essa massa que é especialista em sua própria opinião é composta por “eus”, que se colocam como personagens principais nesse espaço virtual. Cada um desses “eus” é um eu “que fala, que se narra e se mostra incansavelmente na Web e que costuma ser tríptico: é ao mesmo tempo autor, narrador e personagem” (SIBILIA, 2016, p. 28).



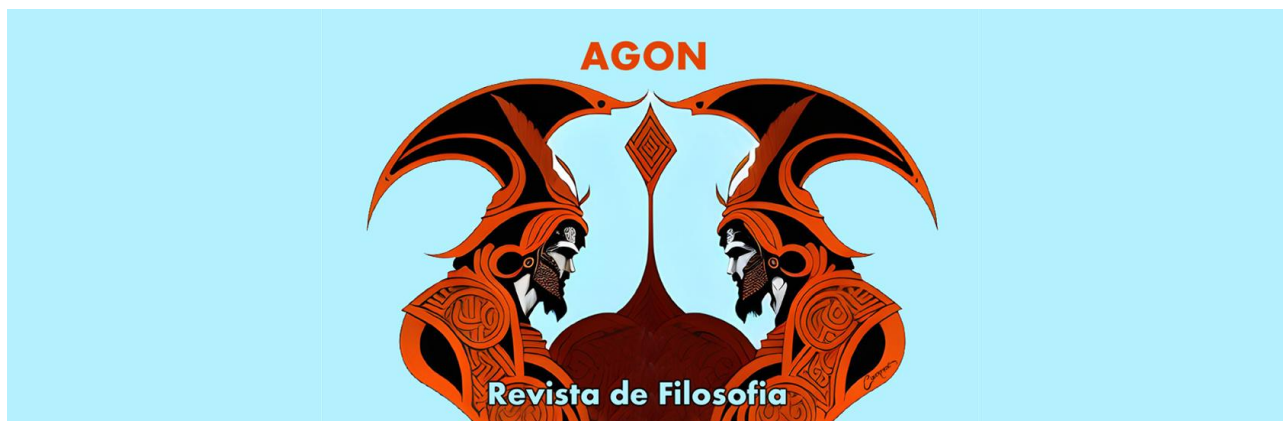
problema apresentado, esta pesquisa possui como objetivo geral investigar psicossocialmente, à luz da teoria dos afetos de Espinosa, quais elementos permitem a produção dessas subjetividades. Como objetivos específicos, pretendemos realizar uma investigação psicossocial acerca das redes sociais digitais; apresentar a teoria dos Afetos de Espinosa, com ênfase na oscilação entre a alegria e tristeza; e analisar essas subjetividades atravessadas pelo afeto do ódio a partir do afeto da tristeza. Por tudo isso, entendemos ser possível, evitando anacronismos, nos valer da teoria dos afetos do autor para apresentar os elementos que nos permitem compreender a produção dessas subjetividades odientas nas redes sociais digitais. No que tange à metodologia utilizada neste estudo, consiste em uma incursão argumentativa, baseada na revisão bibliográfica de obras de Espinosa, especialmente do livro *Ética*, bem como de seus comentadores, além de estudos psicossociais sobre as redes sociais digitais na contemporaneidade.

UMA INVESTIGAÇÃO PSICOSSOCIAL ACERCA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Alguns estudos recentes⁶ têm mostrado que as redes sociais tiveram um grande crescimento⁷ durante o quadro pandêmico da Covid-19 que impactou o mundo em 2019 e chegou ao Brasil em 2020, principalmente em razão do isolamento social provocado pela

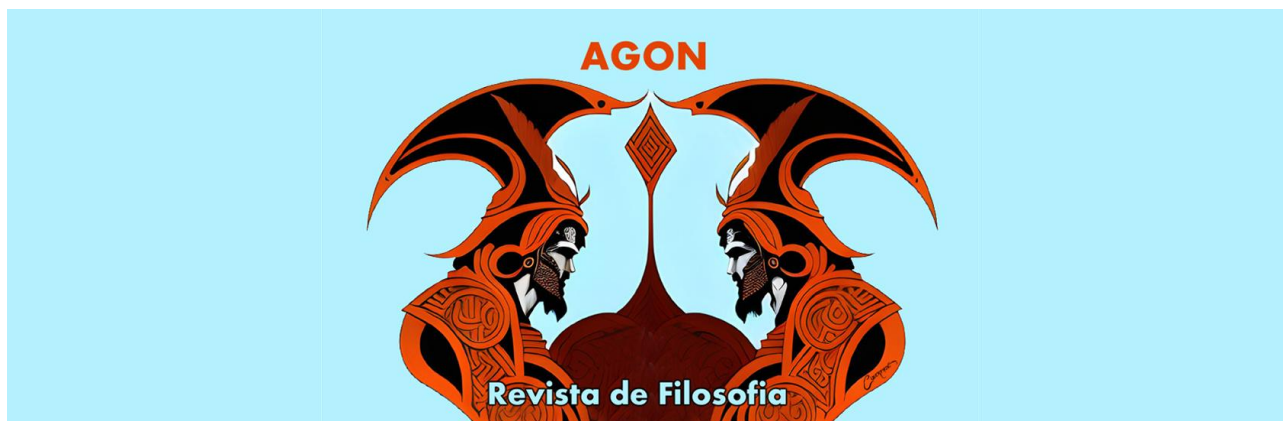
⁶ Estudos como: Jornal Contábil, 2020; Malavé, 2020; Alves, et al., 2020; Mota, 2022.

⁷ Para Jonathan Crary (2016), esse crescimento, mais evidente nas últimas duas ou três décadas (mas acentuado no período da pandemia, ao qual a escrita do livro não presenciou), demonstra como o ritmo “incessante do consumo tecnológico impede que exista um tempo para que nos familiarizemos com um determinado produto, ou uma combinação deles, a ponto de esse produto integrar esse cenário de nossas vidas” (CRARY, 2016, p. 53). Com isso, autor revela como essa atual dependência dos recursos tecnológicos e da tecnologia da informação é subproduto do neoliberalismo, um fenômeno marcado sobretudo, pela aceleração e busca de maior produtividade. Para ele, “os ritmos de consumo tecnológico são inseparáveis das exigências de autoadministração contínua” (CRARY, 2016, p. 54).



enfermidade que, devido o alto grau de contágio, colocou todos em quarentena, fazendo surgir uma dependência cada vez maior da internet, por meio do uso de aplicativos de comida, locomoção, compras em geral e, sobretudo, das redes sociais digitais para continuar a ter algum tipo de interatividade social. Enfatiza-se que este estudo não busca questionar ou diminuir a valoração das contribuições, das facilidades e da praticidade que as tecnologias e inovações da *web* trouxeram, sobretudo na pandemia, até porque a internet, como qualquer tecnologia não é, em si, boa ou má, pois depende da maneira como é utilizada. Como preconiza Castells (1999), é evidente que a tecnologia não determina a sociedade, assim como a sociedade não tem como escrever o curso da transformação tecnológica. Os fatores que acabam determinando como as tecnologias da informação, a internet e as redes de interatividade a partir das mídias sociais vão atuar e moldar as sociedades dependem muito da criatividade, da iniciativa, do processo de descoberta científica, do tipo de inovação tecnológica e das aplicações sociais. O que aqui nos importa, é que com a internet, as possibilidades de interação entre os sujeitos se ampliaram, algo tão caro nos períodos mais delicados do isolamento social, o que resultou no crescimento e na utilização cada vez mais intensa das redes sociais.

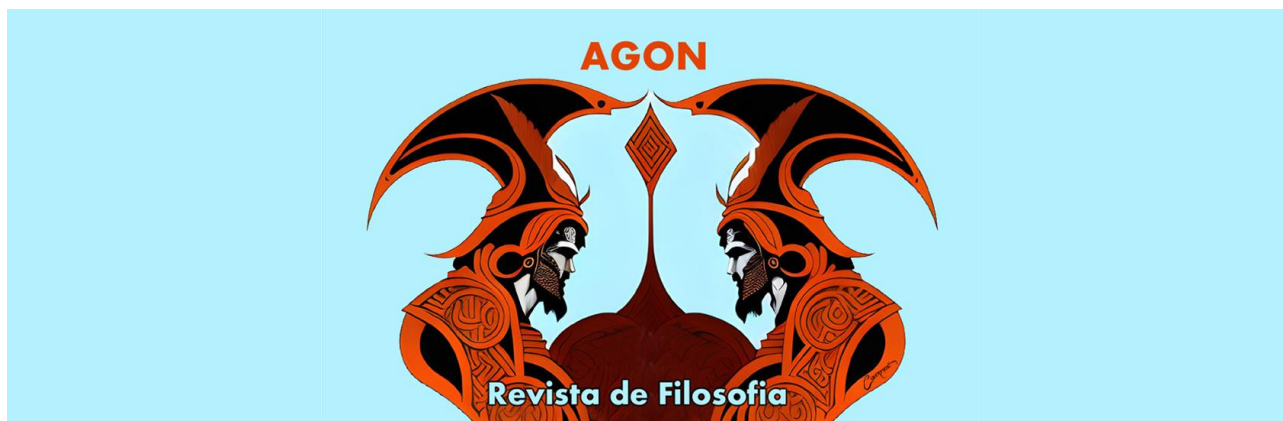
A partir dessa exacerbação da utilização dos recursos digitais e tecnológicos durante a pandemia e da aparente necessidade dessa interação social, que deixou de ser possível presencialmente, começou a ficar mais evidente o surgimento de novos sujeitos formados a partir de produção de subjetividades baseadas na estrutura dependente das redes sociais, que suscitam determinadas socializações e mobilizações. Sujeitos (e aqui se incluem todos os usuários das redes sociais digitais) que estão contribuindo para se modificar o modo de fazer arte, política e comércio, tomando as rédeas da mídia global, forjando uma nova democracia digital, trabalhando de graça e superando os profissionais em seu próprio jogo, onde a personalidade mais importante desse cenário é o eu (SIBILIA, 2016). Com as evidentes transformações que vêm acontecendo no mundo contemporâneo, sobretudo com



a influência das tecnologias da informação, a sociedade vem se reestruturando, provocando mudanças também nas questões identitárias e grupais.

Assim, esses perfis produzidos a partir de subjetividades intolerantes, radicais e odiantas no espaço virtual são resultado justamente dessas “mudanças confusas e incontroladas nesse mundo, onde as pessoas tendem a reagrupar-se em torno de identidades primárias: religiosas, étnicas, territoriais, nacionais” (CASTELLS, 1999, p. 23). O que explica em parte a revelação de determinados sujeitos que têm incitado discursos e práticas de ódio ao outro na internet e o *cyberespaço*, através das ferramentas das redes de sociabilidade, produzindo uma socialização baseada na polarização política, na identificação moral a traços de personalidade e na recusa da razão, pois “em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significação social” (CASTELLS, 1999, p. 23). Essa dinâmica de busca identitária resulta em repercussões em todos os setores da sociedade, já que esses mecanismos tecnológicos e comunicacionais estão contribuindo nas rearticulações políticas, na reorganização das economias e na modulação das culturas, onde o “desenvolvimento de redes que se comunicam têm uma relação orgânica com a nova ordem mundial, ou seja, a comunicação não apenas expressa mas também organiza o movimento de globalização” (HARDT; NEGRI, 2003, p. 51). No intuito de investigar como as redes sociais digitais têm atuado como agentes de transformação na sociedade contemporânea, a análise deste capítulo parte inicialmente de dois documentários: *O dilema das redes* (2020) e *Privacidade Hackeada* (2019), ambos distribuídos pela plataforma de *streaming* Netflix, bem como de outras importantes referências, como Manuel Castells (1999), Michael Hard e Antonio Negri (2003), Eugênio Trivinho (1998), Evgeny Morozov (2018), Paula Sibilia (2016), Jonathan Crary (2016), entre outros.

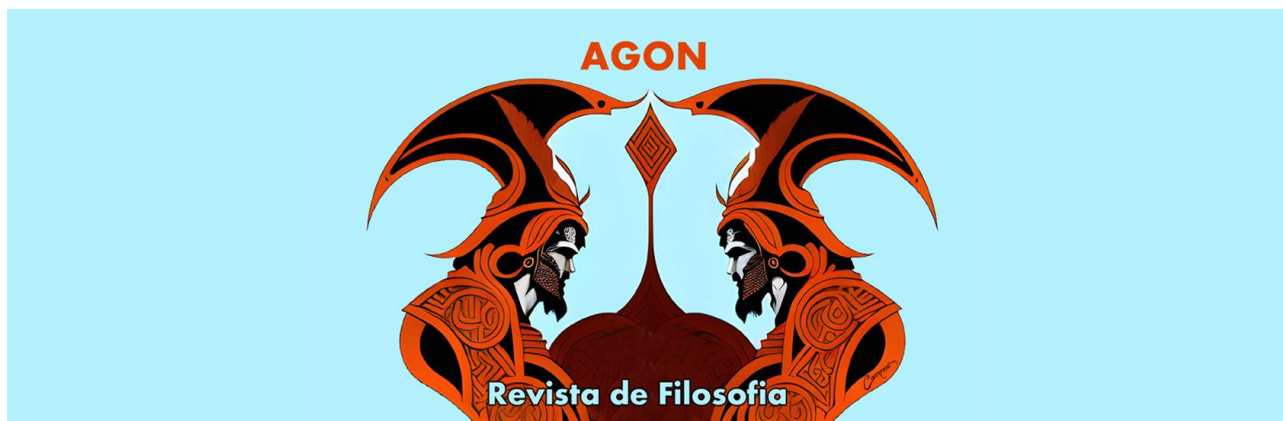
O primeiro documentário mistura informações reais de diferentes profissionais que já trabalharam em grandes companhias de redes sociais, como o *Facebook*, *Instagram*,



Twitter, YouTube, Google, Pinterest, etc. com informações fictícias, que retratam o impacto que essas redes têm no mundo contemporâneo e na formação das subjetividades dos indivíduos.

O dilema das redes (2020) mostra a perspectiva de vários responsáveis envolvidos na indústria da tecnologia, a partir de dilemas éticos e pessoais próprios, em que há a apresentação das redes sociais digitais como empresas que são produzidas por acionistas com interesses comerciais próprios, muito diferente do que se pensa no senso comum, ainda mais com a crescente utilização dessas ferramentas durante a pandemia, que vem produzindo diversas consequências. Já *Privacidade Hackeada* (2019) evidencia o escândalo envolvendo as empresas de consultoria Cambridge Analytica e Facebook nas eleições americanas de 2016, sendo acusadas de *hackear* dados e informações de milhões de pessoas, criando perfis políticos e influenciando diretamente no resultado eleitoral, o que trouxe à tona o poder de transformação das redes sociais, visto que elas coletam e vendem, as informações digitais das pessoas, na maioria das vezes, sem autorização. O documentário chama a atenção para o fato de que geralmente não nos atentamos para as políticas de privacidade dos aplicativos na internet. Um dos pontos em comum entre os dois documentários é a percepção da forte influência e poder que as redes sociais a partir das mídias sociais possuem no mundo contemporâneo, evidenciando aspectos como o crescimento de problemas psicossociais a partir do uso excessivo e imprudente dessas ferramentas, resultando em uma dependência das interações permanentes entre os sujeitos, o que tem contribuído para a formação de perfis formados a partir de radicalismos, intolerâncias e comportamentos odiosos (SOUZA; CUNHA, 2019; LANDIM, ET AL., 2010; MÔNICA, 2020).

Além disso, essas redes têm produzido relações e limitações que acabam pesando sobre a vida das pessoas, como sobre as suas escolhas, orientações, comportamentos e opiniões. Por isso é importante discutir e analisar quais são as características dessas redes

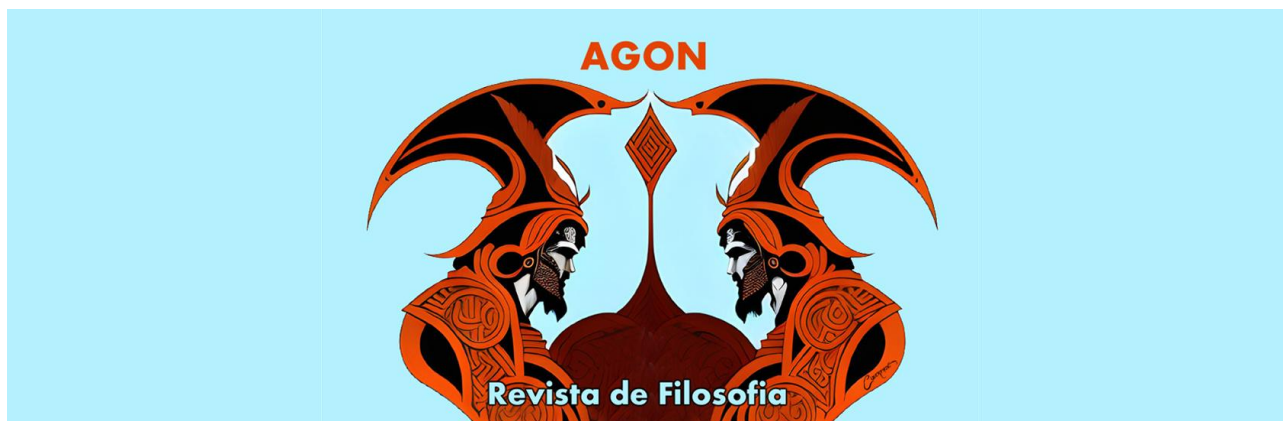


sociais e como elas têm repercutido na modulação da sociedade contemporânea, em especial no Brasil, onde essa cultura se faz cada vez mais presente e mais forte. Para tanto, utilizar-me-ei da perspectiva apresentada pelos documentários, dialogando com autores que têm se dedicado à investigação das sociedades em rede e das mídias sociais, a partir do ponto que são tecnologias comunicacionais, com grande poder de transformação na atualidade que estão sendo incorporadas pelos mais recentes projetos comerciais que vêm sustentando essa sociedade modulada pelos mecanismos de controle, quais sejam, as redes sociais digitais.

Como ponto de partida, o que aqui denominamos como mundo contemporâneo, se encaixa nas premissas das sociedades moduladas e introduzidas em um padrão de sociabilidade resultante de transformações tecnológicas e econômicas formuladas e mais nitidamente percebidas a partir dos anos 2000. Embora alguns dos autores aqui utilizados para tratar de sociedades em rede tenham escrito suas obras ainda nos anos 90 (TRIVINHO, 1998; CASTELLS, 1999 por exemplo), suas projeções são certas para as mudanças em relação aos indivíduos e à própria sociedade a partir das inovações técnicas e globalizadas, centradas no uso e aplicação da informação, um recurso que vem remodelando a base material dessa nossa contemporaneidade de forma acelerada. Assim, alguns pontos serão destacados adiante, como a dependência das interações permanentes entre os sujeitos; as características da sociedade em rede e os impactos que essas mídias têm causado no mundo contemporâneo.

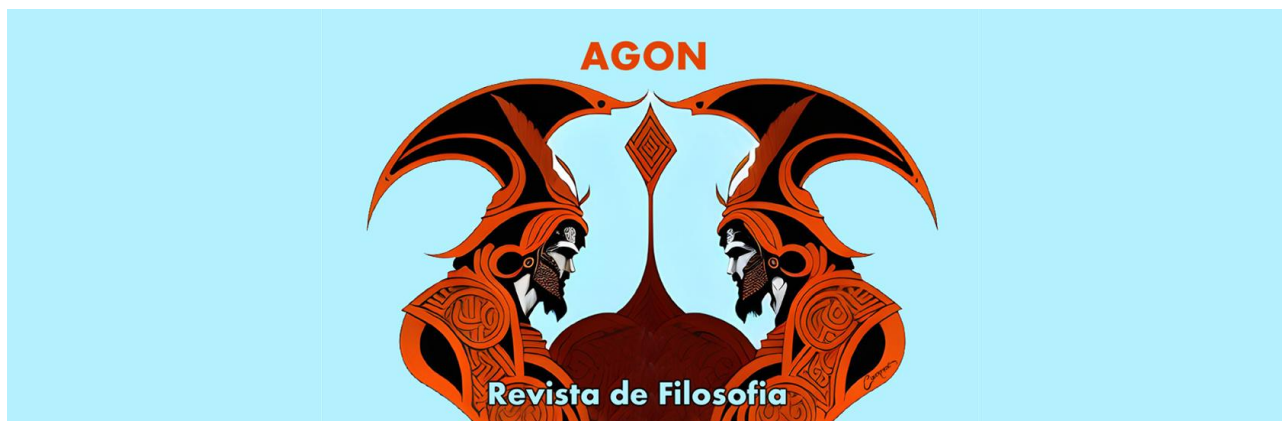
AS REDES E A DEPENDÊNCIA DAS INTERAÇÕES PERMANENTES ENTRE OS SUJEITOS

A partir dessa introdução sobre as redes em si, é possível iniciar nossa compreensão sobre como os sujeitos organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelas redes sociais digitais, onde a visibilidade e a



conexão contínuas se configuram como dois vetores essenciais para “os modos de ser e estar no mundo mais sintonizados com os ritmos, os prazeres e as exigências da atualidade, pautando as formas de nos relacionarmos conosco, com os outros e com o mundo” (SIBILIA, 2016, p. 21). Um exemplo disso é o documentário “O dilema das redes”, que apresenta como essa organização acontece, no qual as características dessas redes repercutem diretamente na modulação do mundo contemporâneo, em especial no Brasil, onde essa cultura se faz cada vez mais presente e mais forte, fazendo os indivíduos pensarem que produzem suas próprias escolhas no *cyberespaço*, dando uma falsa ideia de autonomia. Essa ideia de pseudoautonomia que as redes sociais digitais provocam em seus usuários é reflexo da organização em que se encontram as atuais sociedades contemporâneas, marcadas pelo consumo e uso intensivo e dependente das tecnologias da informação, ligadas a “modalidades de regulação e obediência sociais, onde a gestão do comportamento econômico é idêntica à formação e perpetuação de indivíduos maleáveis e submissos” (CRARY, 2016, p. 51).

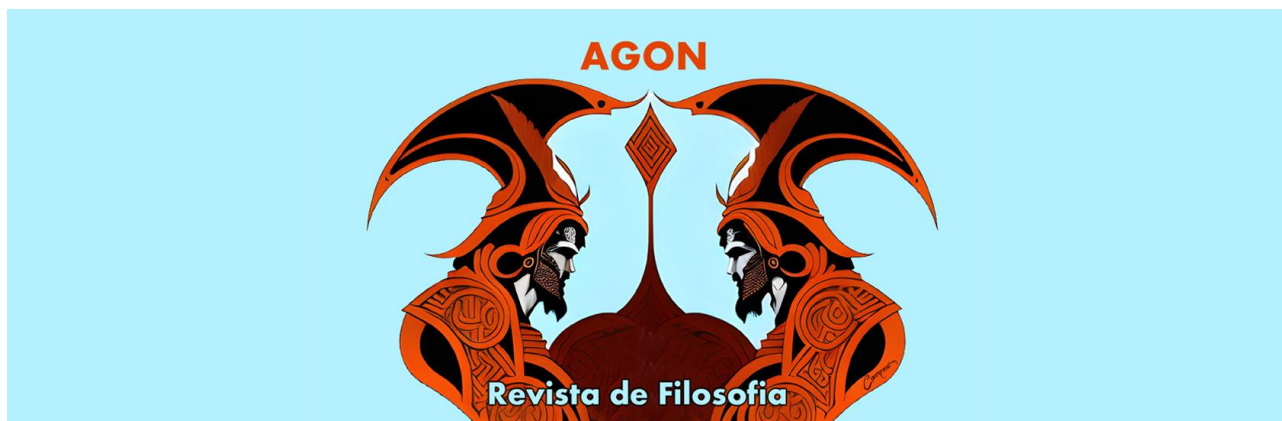
E por isso, essas redes de conexão digital alimentam a ideia de escolha e autonomia no espaço virtual, uma ideia ilusória, segundo Crary (2016), pois essa é uma das características do sistema global de autorregulação. Com a comunicação, a interação e a informação que as grandes companhias de redes sociais digitais, como o *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *YouTube*, *WhatsApp*, etc. fornecem, o ato de seguir alguém, curtir alguma coisa, comentar alguma postagem, nada mais é do que o algoritmo que se transforma sozinho e controla as informações que essas pessoas veem. Esse algoritmo leva em consideração os interesses próprios de cada uma dessas empresas, que têm se utilizado da tecnologia para “mapear os perfis de usuários da web de maneira dinâmica, acompanhando suas atividades e aprendendo sobre seus hábitos” (COSTA, 2004, p. 165). Sendo assim, essas redes têm se tornado cada dia mais uma tecnologia persuasiva, que em razão da crescente utilização dessas ferramentas nos últimos anos, vem reverberando em diversas



consequências, sendo uma delas o crescimento de problemas psicossociais, devido o uso excessivo e inadequado dessas mídias virtuais, resultando em uma dependência das interações permanentes entre os sujeitos, que fazem parte de uma sociedade que opera através de máquinas de controle, tornando-os ondulatórios, funcionando em órbita, num feixe contínuo (DELEUZE, 1992). É nesse sentido que este estudo parte da percepção das redes sociais digitais como agentes de transformação do mundo contemporâneo, pois “na etapa atual das forças produtivas, as redes tecem as sociedades, rearticulam a política, reorganizam as economias, modulam as culturas” (TRIVINHO, 1998, p. 13). O poder de influência que as redes sociais digitais possuem hoje, sobretudo, sobre as pessoas, têm produzido relações e limitações que acabam pesando sobre a vida desses indivíduos, como por exemplo, nas suas escolhas, orientações, comportamentos, opiniões e pontos de vista. Contudo, vale uma ressalva de que, embora possuam grande e inegável influência sobre seus usuários e sobre as sociedades contemporâneas a partir da dependência das interações entre os sujeitos, as redes sociais digitais também são frutos de certas mudanças históricas, invertendo assim a causalidade, como coloca Sibilía (2016, p. 25):

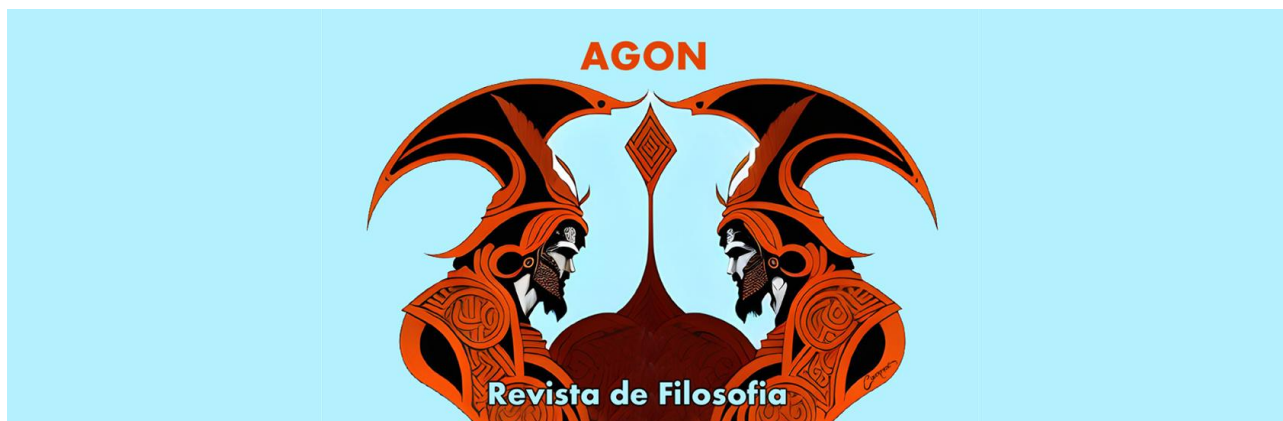
As suas diferenças e especificidades também são gritantes [dispositivos tecnológicos]; e, talvez, estas últimas sejam mais significativas para compreender algumas questões fundamentais acerca das subjetividades e dos modos de sociabilidade que se desenvolvem no mundo contemporâneo. Pois não são os aparelhos que causam mudanças nos modos de ser, como se costuma afirmar com excessiva irreflexão; mas, ao contrário, parece evidente que os artefatos técnicos são resultado de processos históricos bem complexos, que envolvem uma infinidade de fatores socioculturais, políticos e econômicos.

Assim, não são as redes sociais digitais necessariamente que provocam as mudanças nos modos de ser e estar dos sujeitos usuários delas, mas elas reforçam essas transformações, contribuindo para suscitar outros efeitos no mundo, até porque elas foram criadas para desempenhar determinadas funções que de algum modo a sociedade solicita e



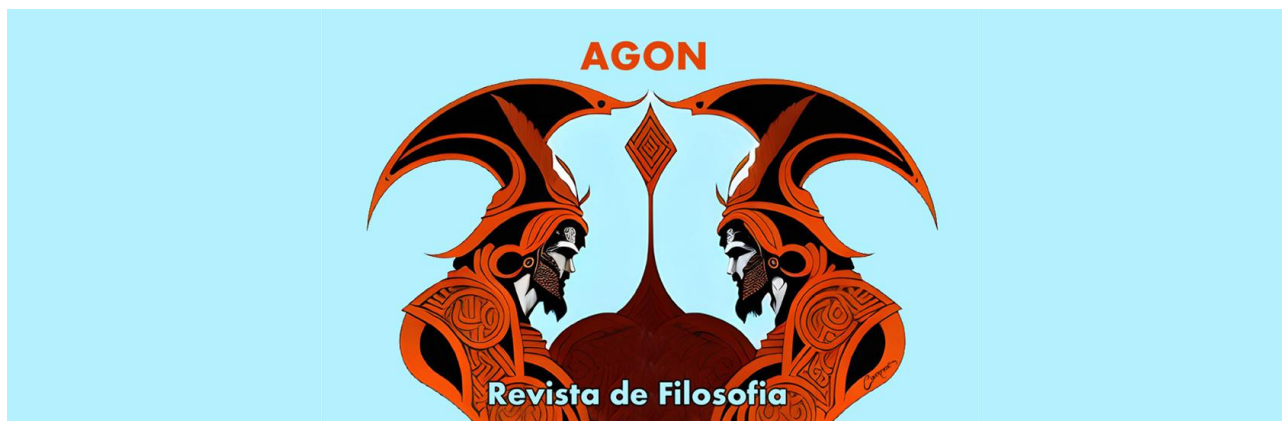
que necessita das ferramentas adequadas (SIBILIA, 2016). Reforçando essas transformações, as redes de sociabilidade produzem efeitos diversos, como a influência e interferência nas escolhas dos sujeitos que fazem uso dessas redes, produzindo também mudanças sociais, que acabam sendo tão radicais quanto os processos de transformação tecnológica e econômica, principalmente porque essas redes de interatividade criam novas maneiras e meios de comunicação, moldando a vida desses indivíduos, no mesmo movimento em que vão sendo moldadas por ela (CASTELLS, 1999). Dessa forma, a representação da contemporaneidade global como nova era tecnológica “implica, entre outros, na aparente inevitabilidade histórica que se atribui a mudanças econômicas de larga escala e a microfenômenos da vida cotidiana” (CRARY, 2016, p. 45). Essas transformações no mundo contemporâneo são resultado justamente desse sistema de redes interativas e de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital, “que está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos” (CASTELLS, 1999, p. 22). Essa perspectiva de transformação em que se constitui a atual sociedade, em especial no Brasil, recai como um processo semiautônomo, instigado por um processo de autopoiesis ou auto-organização, permitindo a aceitação de circunstâncias necessárias em diversos aspectos da sociedade contemporânea (CRARY, 2016). Por isso, embora a reflexão sobre as redes sociais e a dependência das interações permanentes entre os sujeitos possa ser vista por meio de diversas vertentes, elas possuem algumas características comuns que são intrínsecas a elas. Trivinho (1998) apresenta as cinco principais características das redes a partir da concepção de que elas são tecnologias comunicacionais:

Por se embasarem em tecnologias comunicacionais, são **aterritoriais**, isto é, prescindem do território geográfico, desconhecendo, portanto, fronteiras nacionais; **invisíveis**, logo imateriais e impalpáveis (só podem ser conhecidas por seus efeitos; **altamente velozes**, permitindo uma circularidade absoluta de dados, notícias, imagens, modelos, publicidade,



monólogos, diálogos, entretenimento, humorismo, etc.; **interativas**, ensejando trocas simultâneas com qualquer parte do mundo; e, hoje, plenamente **saturadas** (grifo nosso) (TRIVINHO, 1998, p. 21).

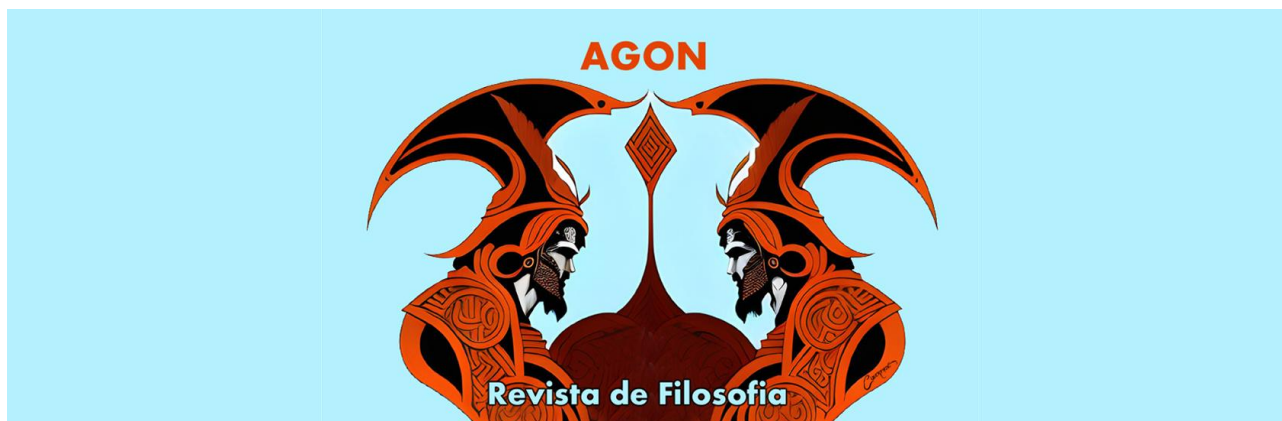
Esses atributos são notadamente percebidos no documentário *O dilema das redes* da Netflix, no qual os depoimentos dos profissionais que já trabalharam nessas companhias de redes sociais revelam como essas empresas possuem um fim muito diferente do que as pessoas pensam no senso comum. E é justamente por possuírem tais características, que as redes sociais têm transformado as pessoas em dados que alimentam o modelo matemático chamado de algoritmo, produzindo relações e limitações que acabam pesando cada vez mais sobre a vida das pessoas. É como afirma Tristan Harris, ex-funcionário do Google e estrela do documentário *O Dilema das Redes*, “um usuário é mais valioso quando é enviesado, indignado, polarizado, mal informado, narcisista e se preocupa com a atenção de outras pessoas”. Com essa corrida pela atenção das pessoas, essas empresas relacionam as consultas realizadas pelos seus usuários em sua base de dados, com o objetivo de “encontrar padrões que possam auxiliar o próprio sistema na sua relação com os usuários, antecipando a oferta de produtos e serviços” (COSTA, 2004, p. 165). A dependência das interações permanentes entre os sujeitos provocada pelo crescimento do uso das redes sociais tem feito surgir novos sujeitos, formados a partir de produção de subjetividades baseadas na estrutura dependente desses veículos que suscitam determinadas socializações e mobilizações. Essa suscitação torna os dados, ou seja, as pessoas, muito valiosas para essa indústria e em razão disso, os dados propagados nas redes sociais digitais são chamados de “o petróleo do século XXI” (MOROZOV, 2018; SIBILIA, 2016). Essa comparação é referente a escala de transformação digital que se encontra à nossa frente e assim como o petróleo, as redes trazem consigo a ideia de achar que “uma sociedade detentora de tantos dados vai acabar solucionando todas as contradições que o sistema capitalista global não consegue resolver por conta própria, ao nos proporcionar trabalhos flexíveis e bem remunerados”



(MOROZOV, 2018, p. 8). Esse poder de transformação das redes tem repercussão em todos os setores da sociedade, pois esses mecanismos têm contribuindo nas rearticulações políticas, na reorganização das economias, moldando as sociedades contemporâneas, uma modulação contínua da sociedade de controle (DELEUZE, 1992; SIBILIA, 2016; SANTOS, 2018).

E assim como ocorreu com o petróleo⁸, os dados também constituem uma história que tem sido “marcada pela violência, pressões corporativas, guerras incessantes e desnecessárias, derrubadas de regimes democráticos na expectativa de assegurar o controle de recursos estratégicos, etc.” (MOROZOV, 2018, p. 9). A percepção dessas empresas de que as pessoas são dados que permitem a elaboração de padrões de comportamento por meio das ações dos usuários é o que torna essa tecnologia tão persuasiva, pois é um tipo de tecnologia que funciona no *cyberespaço*, “auxiliando as pessoas a, por exemplo, selecionarem filmes, livros, programas televisivos e shows a partir, exclusivamente, da correlação entre os gostos pessoais de vários usuários” (COSTA, 2004, p. 165). Desse modo, em razão das características dessas redes sociais e na forma como elas têm repercutido na modulação do mundo contemporâneo, elas têm permitido uma comercialização dos dados e da atenção das pessoas, ou seja, uma publicidade social, que tem a “possibilidade de influenciar grandes quantidades de gente com métodos menos obviamente comerciais que os spots da televisão ou os anúncios colados nas ruas das cidades” (SIBILIA, 2016, p. 45). Assim, passam a ofertar essas informações como um produto para os anunciantes, transformando as redes sociais em um grande *outdoor* no *cyberespaço*.

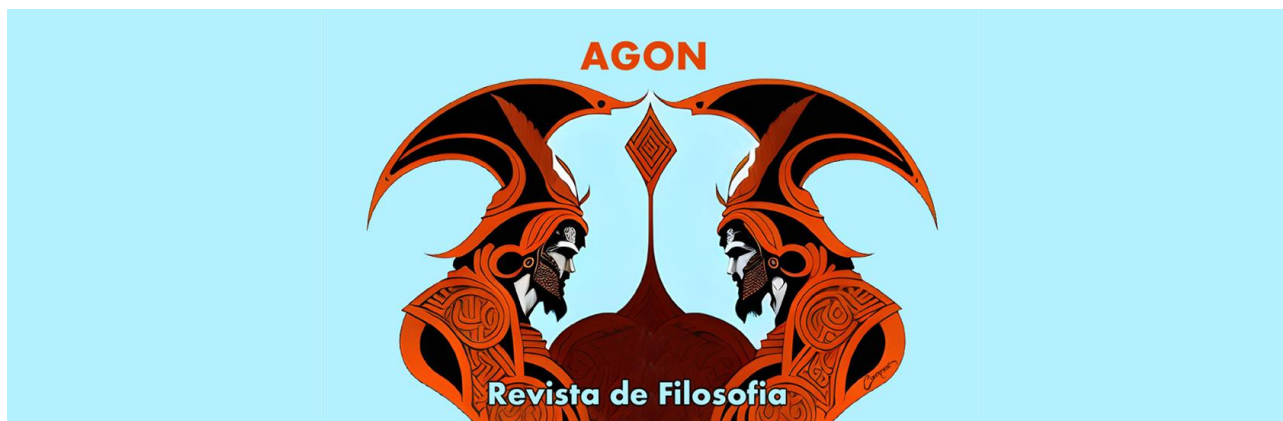
⁸ Importante salientar que no documentário *O Dilema das redes* (2020), Tristan Harris, ex-funcionário do Google e uma das importantes vozes que estrela o vídeo, também faz essa comparação entre o petróleo e os dados dos usuários, mas do ponto de vista do esgotamento, pois assim como as empresas de petróleo recorrem “ao fracking (fraturamento hidráulico injetando água no solo e causando grandes estragos) quando os poços começam a secar, compara ele, as empresas de tecnologia “têm que se aprofundar no narcisismo” quando a atenção começa a se esgotar” (RAVACHE, 2022, p. 1).



CARACTERÍSTICAS DA SOCIEDADE EM REDE

As redes sociais estão moldando o mundo contemporâneo, determinando algumas características da sociedade em rede, como por exemplo, a disseminação de *Fake News*, o ataque de crimes cibernéticos de ódio a minorias identitárias e, conseqüentemente, a exacerbação do ódio e diminuição do outro no ambiente virtual como movimento de inflação do eu, a polarização moral e política e a aceleração e rapidez da sociedade 24/7. Obviamente não se pretende aqui determinar e listar todas as características da sociedade em rede, até porque não seria possível, em razão da constante volatilidade e fluidez das tecnologias da informação e das mídias sociais. Mas cabe iniciar essa abordagem enfatizando a capacidade da sociedade globalizada do século XXI de criação, “que costuma ser capturada pelos tentáculos do mercado, que ataçam como nunca essas forças vitais e, ao mesmo tempo, não cessam de transformá-las em mercadorias” (SIBILIA, 2016, p. 17). É importante destacar também que embora essas particularidades que vêm marcando as sociedades globalizadas, informatizadas e tecnológicas não determinem completamente a evolução histórica e a transformação social, as redes sociais, como partes e ferramentas tecnológicas, incorporam a “capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico” (CASTELLS, 1999, p. 26).

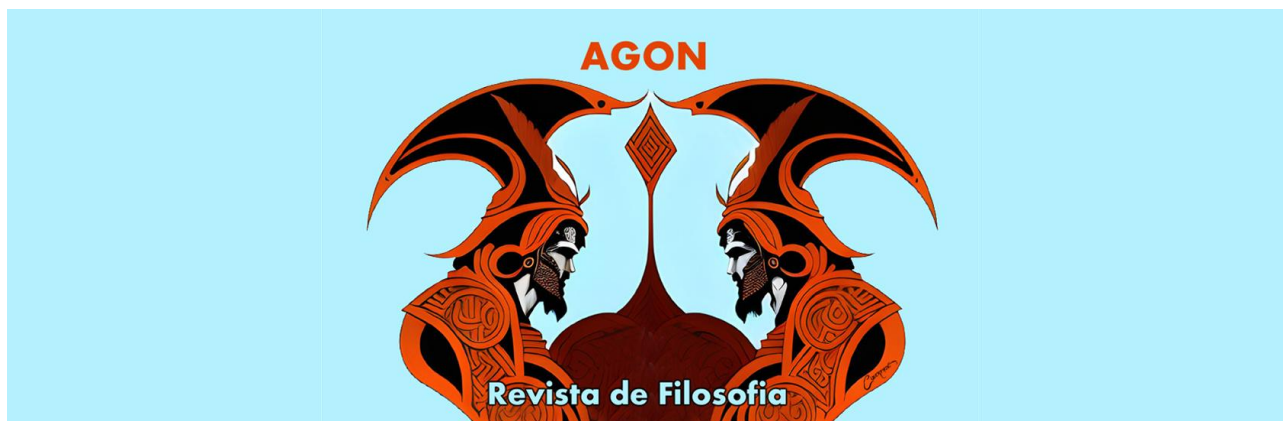
No caso das *fake news*, por exemplo, são um sistema que foi propositalmente criado para ser tendencioso à informações falsas, devido o potencial de circulação no ambiente virtual que está cada vez mais rápido, principalmente com o crescimento do uso das redes sociais digitais. São notícias falsas que “podem ser consideradas não apenas em termos da forma ou conteúdo da mensagem, mas também em termos de infraestruturas mediadoras, plataformas e culturas participativas que facilitam a circulação” (DELMAZO; VALENTE,



2018, p. 157). Nessa direção, as redes estão se tornando um recurso estratégico⁹ para a disseminação de narrativas manipuladoras, com notícias que são construídas para serem irresistíveis para os usuários e compartilhadas em uma velocidade absurda, sem a averiguação do que é verdadeiro e do que é falso, até por que como os documentários da *Netflix* colocam, nesse espaço, é praticamente impossível saber o que é mentira e o que é verdade, pois “a ética das redes é amoral, já que tudo circula indiscriminadamente” (TRIVINHO, 1998, p. 20). Assim, mesmo havendo formas para que essas empresas verifiquem muita coisa que é colocada e postada nas redes sociais, seja por meio de *softwares*, algoritmos ou profissionais humanos, elas evitam realizar esse filtro em razão dos interesses escusos que existem por trás da interatividade e conectividade que a internet possibilita por meio dessa nova ordem da comunicação. Nesse sentido, as grandes empresas que dominam o *cyberespaço* se utilizam do recurso de expandir fronteiras e das características comunicacionais das redes sociais para “chegar a países de todo o planeta, difundindo-se através do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, informação, ciência e tecnologia” (SOUZA; CARDOSO, 2011, p. 73).

Contudo, essas empresas hesitam em controlar seus usuários dessa maneira, por receio de perderem sua clientela – vide o trumpismo ou o bolsonarismo –, que disseminam *fake news* em larga escala com o consentimento dessas companhias, que só tem lucro porque seus usuários as alimentam, sem considerar as consequências que podem provocar na esfera social, política, estatal, etc. Isso ocorre porque essas “redes são sistemas dinâmicos e, como tais, são sujeitos a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura” (RECUERO, 2009, p. 80). Outra característica das sociedades em rede é que esses mecanismos têm sido utilizados como armas, para fins diversos, sejam eles políticos,

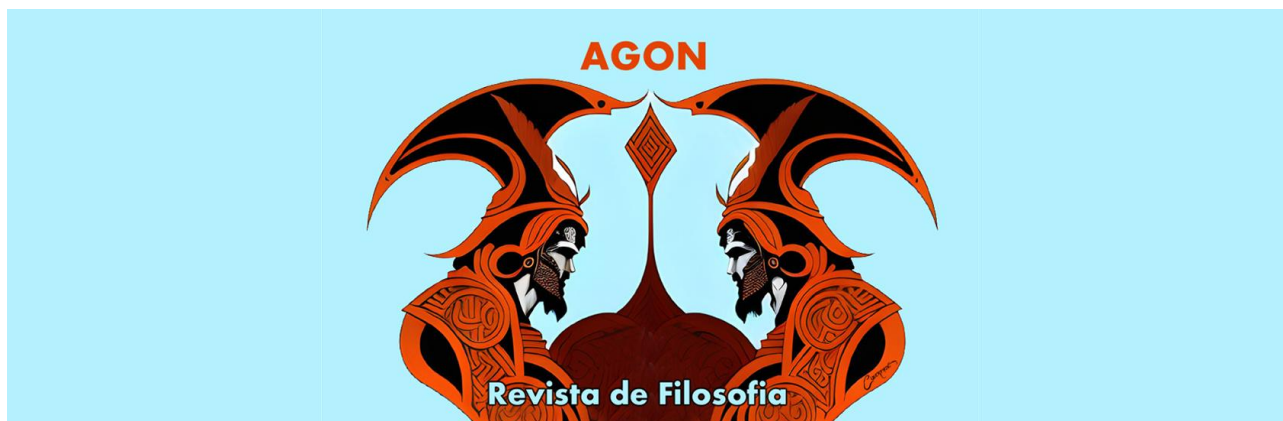
⁹ Quando fala-se aqui nas redes sociais como recurso estratégico, faz-se referência ao pensamento de Crary (2016) quando ele afirma que no atual contexto emergente em que estamos vivendo, “o consumo de tecnologia coincide com estratégias e efeitos de poder, a ponto de se tornar indistinguível deles” (CRARY, 2016, p. 51).



religiosos, etc. Essa utilização tem sido aprimorada e estrategicamente empregada devido as cinco principais características das redes sociais apontadas por Trivinho (1998), ou seja, por serem aterritoriais, invisíveis, altamente velozes, interativas e plenamente saturadas, elas permitem uma “interconexão destes laços que canaliza recursos para localizações específicas na estrutura dos sistemas sociais” (RECUERO, 2006, p. 76). E quando elas são utilizadas dessa forma, principalmente no âmbito político, elas oferecem perigo às democracias por exemplo. No Brasil, o golpe de 2016, que tirou a então presidenta do cargo Dilma Rousseff, teve profunda participação das notícias disseminadas nas redes sociais, como afirmam os autores abaixo:

No Brasil, fenômeno parecido ocorreu na semana que antecedeu a votação da abertura do processo de Impeachment da então presidenta Dilma Rousseff: três das cinco notícias mais compartilhadas no Facebook eram falsas, de acordo com o Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas de Acesso à Informação da Universidade de São Paulo (USP), que investigou o desempenho de 8.290 reportagens, publicadas por 117 jornais, revistas, sites e blogs noticiosos entre 12 a 16 de abril de 2016 (DELMAZO; VALENTE, 2018, p. 159).

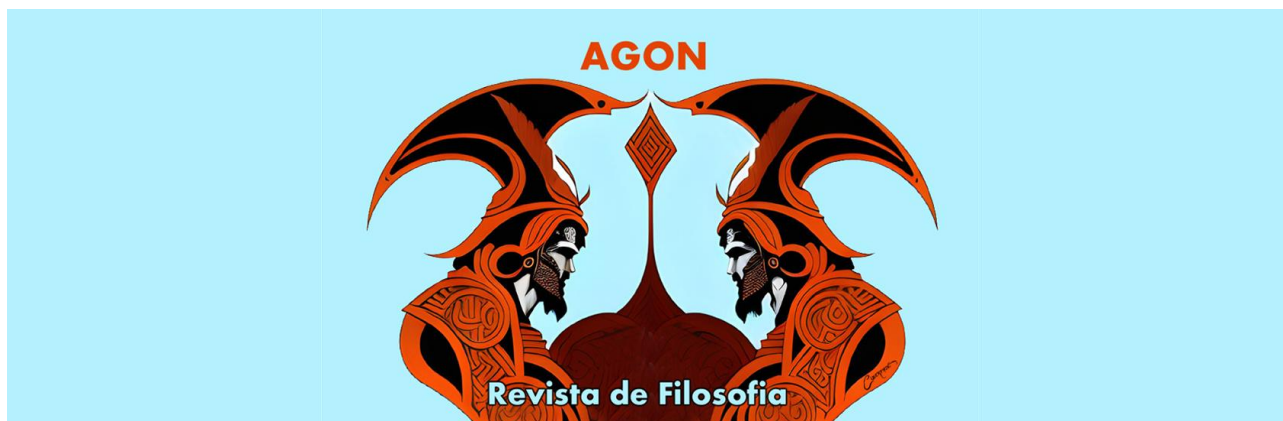
Após o Impeachment de Dilma Rousseff em 2016, veio a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, que teve sua campanha movida pelas redes sociais, principalmente baseada em *fake news* na empresa do Facebook, denominada de *Whatsapp*. As características das sociedades em rede facilitam a disseminação das notícias falsas em diferentes contextos e para diversos fins, ressaltando que as *fake news* têm ganhado grandes proporções graças à propagação que as redes sociais possibilitam. E não só no campo político, mas em todos os setores da sociedade e do mundo contemporâneo, as redes sociais têm causado uma onda de polarização: ou é 8 ou 80; ou é certo ou errado. De certo que tudo se equaciona nas redes, “desde as ações cotidianas às grandes decisões políticas na esfera do Estado” (TRIVINHO, 1998, p. 14).



Essa recusa da razão no espaço virtual é uma das características da sociedade em rede no século XXI, ou seja, uma virtualização que move todos os setores no modo mais acelerado possível. É o que Jonathan Crary (2016) chama de sociedade 24/7 (vinte e quatro horas por dia por sete dias da semana), no seu texto sobre o capitalismo tardio. Ou seja, vivemos em uma sociedade que tira a capacidade da visão, através de processos homogêneos, redundantes e acelerados, o que resulta na diminuição das capacidades mentais e perceptivas, no lugar da sua expansão e modulação:

O 24/7 anuncia um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de operações incessantes e automáticas. [...] A despeito da sua falta de substância e de sua abstração – afinal é um slogan –, o caráter inexorável do 24/7 repousa em sua temporalidade impossível (CRARY, 2016, p. 39).

A sociedade 24/7 constitui-se assim como um regime de temporalidade onde o capitalismo e as demandas dos últimos anos exigem que tudo seja mais acelerado, conectado, prático e rápido. O regime 24/7 também se configura como reflexo da sociedade de controle, pois as rotinas 24/7 são capazes de neutralizar ou absorver “desnorteadoras experiências de retorno que poderiam virtualmente minar o caráter substantivo, bem como a identidade do presente e sua aparente autossuficiência” (CRARY, 2016, p. 29). Essa utilização acelerada e intensificada das redes sociais digitais revela como uma sociedade em rede é marcada por um exercício banal de consumo ininterrupto, isolamento social e impotência política, comportamentos cada vez mais perpetuados pelo fluxo transitório de produtos compulsórios e descartáveis, como por exemplo, os aparelhos de telefone celular (CRARY, 2016). Outra característica da sociedade em rede, que está associada à aceleração e fluidez da sociedade 24/7 e à polarização política, são os efeitos colaterais dos algoritmos que regem as redes sociais para a cultura democrática. As preocupações voltadas para a sobrevivência da democracia em um mundo imerso pela Inteligência Artificial (IA) são

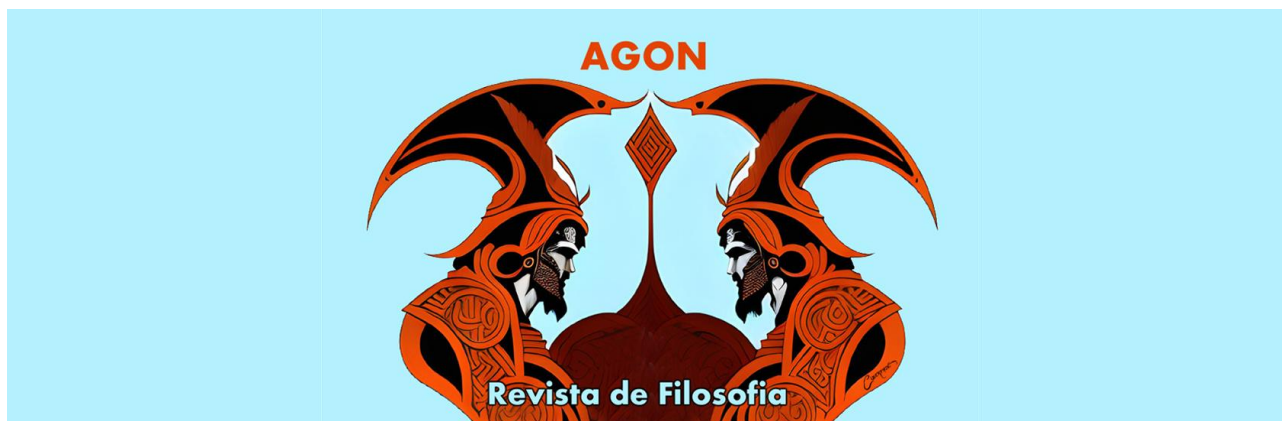


crescentes e embora se reconheça as melhorias e inovações proporcionadas pela IA, é justamente nessa regulação algorítmica e simplificação do processo democrático que reside o perigo:

Agora, a regulação algorítmica orientada pela IA procura encurtar esse processo, postulando que as pessoas não dispõem de tempo para isso ou que os vários níveis de causalidade não resultam em programas viáveis. [...] Por mais que os bancos de dados tenham uma capacidade infinitamente maior do que a dos cérebros humanos, eles ainda carecem de um componente crucial: a capacidade de narrar a realidade a partir de determinado ponto de vista histórico e ideológico (MOROZOV, 2018, p. 141-142).

Com isso, com a política sendo dominada pela inteligência artificial, a democracia em especial, acaba levando suas operações para um caminho de plena perfeição e racionalidade, o que é extremamente perigoso, pois isso tende a simplificar demais as relações humanas, assim como as suas narrativas, que são complexas por natureza. A IA transforma essas narrativas em simples regras regidas pelos algoritmos, resultando assim em uma política de gerenciamento dos efeitos, e “uma política preocupada em saber as causas antes de corrigir os efeitos pode eventualmente ser uma política de exageros emotivos, levando ao nacionalismo ou a coisas piores” (MOROZOV, 2018, p. 142), levando em conta ainda o fato de que no atual contexto, não há democracia no planeta que não esteja sob influência direta ou indireta dessas corporações (*Google, Amazon, Apple, Facebook, Twitter, Microsoft*, etc.). Entender essa dinâmica é essencial para se pensar na produção de uma socialização baseada na polarização política, na identificação moral a traços de personalidade e na recusa da razão no espaço virtual.

Além disso, por meio de narrativas pautadas em identificações com dados posicionamentos que esses sujeitos reconhecem como verdadeiros, subjetivando-os, e em razão disso, projetam um inimigo que deve ser destruído, diminuído, cancelado, apagado, uma ameaça que deve ser extinta. Há de se pensar que essas subjetividades oriundas da

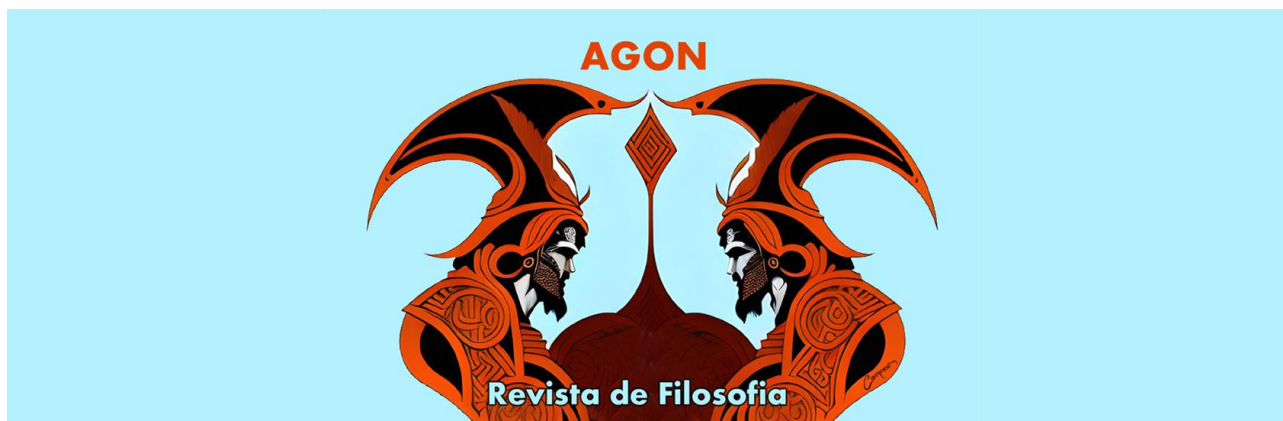


regulação algorítmica das redes sociais precisam ser vistas como uma violação à integridade e à dignidade do outro. Além disso, ressaltamos a importância das redes sociais como locais virtuais onde as possibilidades de interação entre os sujeitos são ampliadas e como veículos que permitem, através das plataformas de mídias sociais, modos de se relacionar, mensurar e monitorar a receptividade da comunicação entre os usuários.

ANALISANDO O ÓDIO NAS REDES SOCIAIS A PARTIR DO AFETO DA TRISTEZA

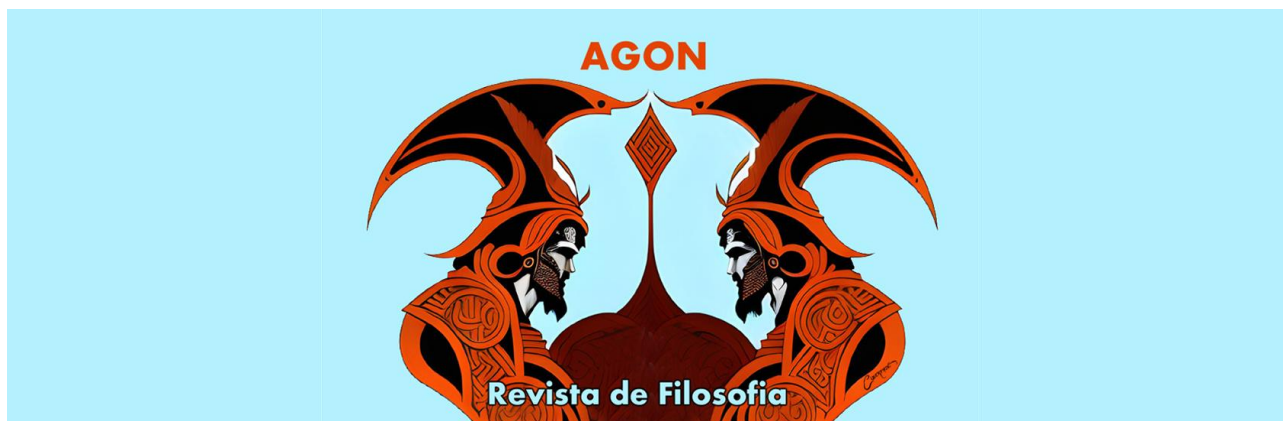
Obviamente Baruch Espinosa não discorreu diretamente sobre as redes sociais digitais, por ser um autor do século XVIII, mas ele muito falou sobre as relações entre os corpos na Natureza e sobre as redes sociais e políticas entre indivíduos e seus efeitos complexos, o que nos autoriza e incentiva a sua utilização como autor para pensar o ódio nas redes sociais digitais na contemporaneidade. Além disso, Espinosa na filosofia é um dos poucos a pensar que a essência humana é o desejo, e onde sua teoria dos afetos é central e fundamental para que possamos compreender o pensamento, seus acertos e erros. A verdade em Espinosa é, antes de tudo, um problema de afetos. Quando Espinosa desenvolve os três gêneros do conhecimento, denominando-os de gênero, opinião ou imaginação, razão e conhecimento e ciência intuitiva, como primeiro, segundo e terceiro gênero, respectivamente, o autor chama a atenção para o fato de que a única causa de falsidade é o conhecimento advindo do primeiro gênero. Nesse sentido, o ódio analisado neste estudo se configura como um tipo de mau, que se insurge da ignorância que é efeito da imaginação e das imagens, elementos falsificadores do primeiro gênero do conhecimento.

Além disso, como na rede social o corpo é feito de imagem e discurso, buscamos “cancelar” ou apagar o outro virtual, suposta causa de minha tristeza. Tal ação pode ser mais ou menos agressiva, descambando mesmo para a violência ou diminuição sistemática do



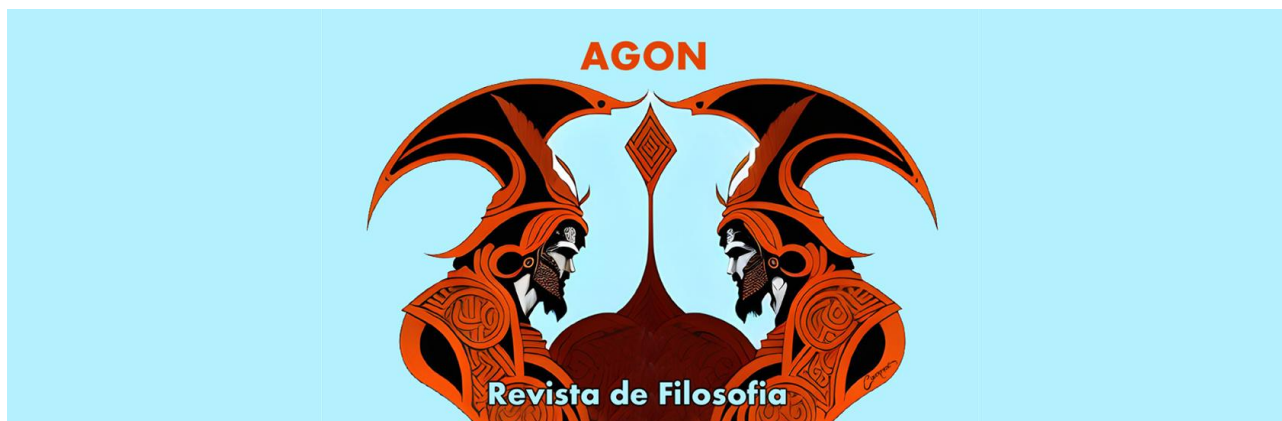
outro para justamente eliminá-lo moralmente, psicologicamente, chegando mesmo a se promover a ameaça de eliminação física do usuário real que usa perfis nas redes sociais digitais. Buscar entender esse fenômeno a partir da teoria dos afetos de Baruch de Espinosa, de que esse ódio ao outro praticado e disseminado nas redes sociais trata-se do afeto da tristeza enquanto somos conscientes disso, gerado por uma percepção limitada da realidade, advinda dos signos ou imagens que nos afetam, nos fornece uma possibilidade mais profunda de compreensão, tanto da perspectiva da Filosofia, quanto da Psicologia Social, já que este autor conversa muito bem entre esses dois campos. Desse modo, a imersão que vivemos hoje no mundo virtual e a dependência interativa das redes sociais entre os sujeitos, das funcionalidades e praticidades dos aplicativos bancários, de locomoção, de delivery de comida, de documentação digital, etc., fazem destas companhias grandes empresas atuantes no mercado, que crescem conforme o número de usuários também aumenta.

É uma cadeia de conexão, que movimenta não apenas capital, como modula as culturas nas quais estão inseridas, interferindo e influenciando na forma de pensar das pessoas, nas suas escolhas e nos seus ideais. E justamente pelas características e recursos das redes sociais, é que elas se assemelham com o sistema rizomático de Deleuze e Guattari (1995). Tendo em vista que um rizoma possui sempre múltiplas e conexões, as plataformas de mídias sociais também atuam nesse sentido, de possibilitar uma infinidade de conexões aos seus usuários, inclusive para expressar suas subjetividades movidas pelo ódio no *cyberespaço*, por meio de comentários em postagens ofensivas e odiosas direcionadas ao outro que é visto como uma ameaça e causa da diminuição e enfraquecimento da potência de agir e existir desses usuários. Perceber as redes sociais da atualidade como um sistema rizomático facilita o entendimento do processo de produção de subjetividades movidas pelo afeto do ódio nestes espaços, pois são mecanismos reguladores, que funcionam a partir de uma lógica não fechada, uma vez que o rizoma, assim como as redes sociais digitais, são mecanismos compostos por linhas de intensidade e não de formas, se movendo, se abrindo



e se expandindo em todas as direções possíveis, tendo como principal característica a conexão de pontos. Essa dinâmica de funcionamento rizomático das redes sociais contribui para a “fabricação” de uma forma estratificada de efetivação dos desejos e de subjetivação dos usuários detentores de elementos específicos, como aqueles que são atravessados pelo afeto do ódio.

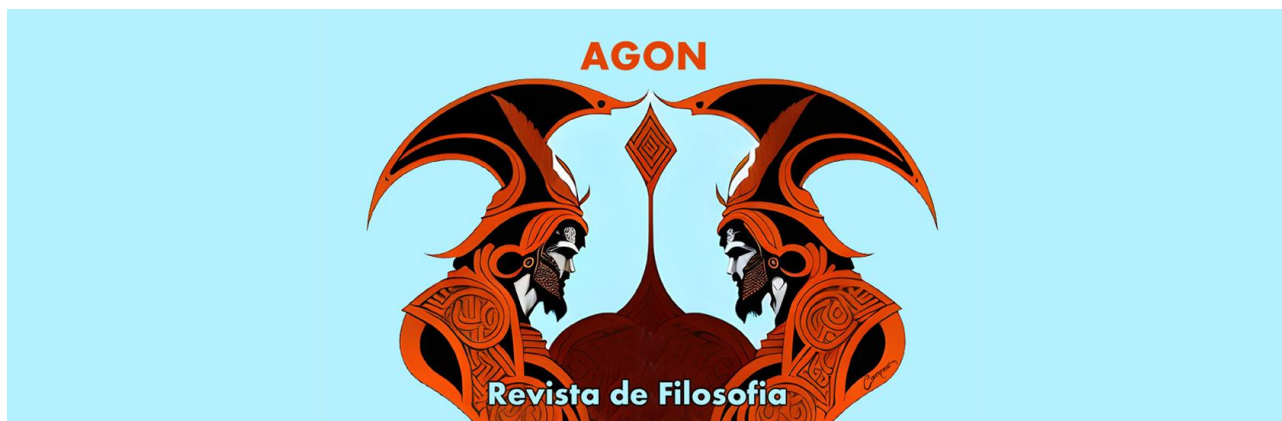
Isso explica porque esses usuários se sentem confiantes e validados para manifestar e expressar esses elementos publicamente, ainda que existam políticas das próprias plataformas para coibir o compartilhamento de discursos de ódio, bem como legislações que “asseguram” sanções para os usuários que cometam crimes cibernéticos. Mas o ponto aqui não é simplesmente cobrar punições ou buscar formas de vingança para os usuários que incitam e propagam discursos e práticas de ódio ao outro nas redes sociais, muito menos implantar no leitor uma ideia de “cancelamento” virtual destes sujeitos. A questão aqui é bem mais profunda do que isso, pois, para além de destacar a relevância de retratações para as vítimas e sanções para os mesmos, é preciso cautela e atenção para os fatores que os levam a tais comportamentos e ações no espaço virtual, que muito provavelmente não seriam os mesmos em um confronto direto, cara a cara. Desse modo, a partir do que foi exposto e discutido, constatamos que os elementos que atravessam a produção dessas subjetividades são elementos falsificadores do primeiro gênero do conhecimento, que resultam na disseminação do afeto do ódio nas redes sociais, representado como um tipo de mau, insurgido da ignorância que é consequência das imagens e dos signos decorrentes da imaginação ao qual esses sujeitos estão inseridos. Esses elementos constituem a causa externa provocadora da tristeza desses usuários e podem ser qualquer aspecto que implique na diferença. De certo que essa disseminação de ódio ao outro na internet revela intimamente um desejo de excluir e eliminar aqueles sujeitos que pensam e escolhem de forma diferente da sua, através de comentários e posts ofensivos, depreciativos e diminuidores.



O desejo de eliminação e diminuição sistemática do outro por parte destes usuários de postagens odiosas, seja eliminando-o moralmente, psicologicamente, ou mesmo por meio de ameaça de eliminação física, evidencia nestes sujeitos subjetividades marcadas por existências que passaram para uma perfeição menor, ou seja, a um menor grau de realidade, pelo outro que é diferente, passando a enxergá-lo como uma ameaça à sua potência de agir e ao seu *conatus*. E como forma de excluir tal ameaça, são tomados e controlados pelo afeto da tristeza, o que faz a sua individualidade ser enfraquecida, resultando na reação de buscar fortalecer novamente o seu *conatus*, por meio da eliminação da causa da sua tristeza e exclusão da existência da ameaça daquilo que diminui ou refreia a potência de agir dos seus corpos. Isso demonstra que estes usuários se esforçam, tanto quanto podem, por se recordar de coisas que excluam a existência das primeiras, ou seja, excluam a existência daqueles que pensam e escolhem de maneira diferente deles.

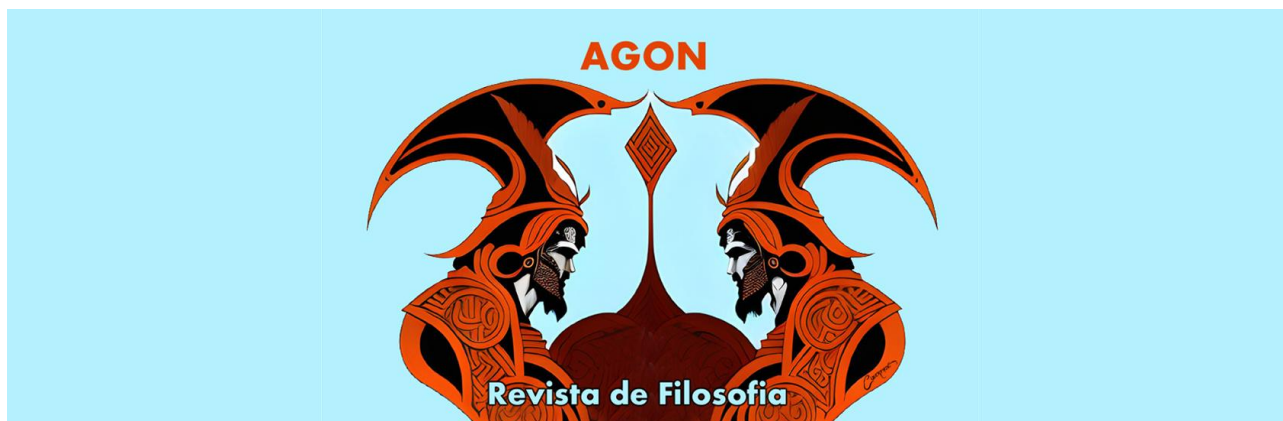
CONSIDERAÇÕES FINAIS

De fato, as redes sociais têm impactado profundamente o cotidiano e a forma de se relacionar das pessoas. O mundo contemporâneo está imerso nas novas tecnologias e nas facilidades e praticidade que elas proporcionam, seja através de conectar e interacionar pessoas que estão distantes geograficamente, seja para resolver problemas por meios de aplicativos bancários, seja para locomoção, para alimentação, lazer e entretenimento, entre outros. A intenção aqui não é descaracterizar o lado positivo e apenas pontuar os efeitos colaterais “negativos” dessas novas tecnologias, sobretudo das redes sociais, até porque toda tecnologia, não é em si, nem boa, nem má, pois depende da forma como é utilizada. Mas sim identificar algumas características que fazem desses mecanismos digitais agentes de transformação do mundo atual e que sem o devido cuidado, essas redes tendem a se tornar cada dia mais uma tecnologia persuasiva, oferecendo risco à construção de uma esfera



pública virtual democrática e plural. Negar que as redes sociais tenham forte influência nas sociedades de hoje em dia é algo impossível, porém, é preciso compreender a dinâmica de funcionamento desses veículos e seus filtros, para evitar justamente o crescimento do surgimento de sujeitos que tenham perfis marcados pela insensatez, pela falta de respeito e de valores básicos e que incitam discursos e práticas de ódio ao outro nas redes sociais.

Além disso, por meio de narrativas pautadas em identificações com dados posicionamentos que esses sujeitos reconhecem como verdadeiros, subjetivando-os, e em razão disso, projetam um inimigo que deve ser destruído, diminuído, cancelado, apagado, etc., há de se pensar que essas subjetividades oriundas da regulação algorítmica das redes sociais, precisam ser vistas como uma violação de Direitos Humanos. No mais, destacamos aqui a importância da elaboração de estudos e pesquisas sobre esse tema, devido sua relevância acadêmica e social, pela necessidade de materiais atuais para servir de referência para futuros estudos e por ser uma temática que envolve toda a sociedade atual, já que as redes sociais são parte constitutiva do mundo contemporâneo.



REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo. Paz e Terra, 1999. v. 1.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. São Paulo em Perspectiva, 18(1): 161-167, 2004.

CRARY, Jonathan. 24/7: capitalismo tardio e os fins do sono. Jonathan Crary. Título original: 24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 144p.

DELEUZE, Gilles; **GUATTARI**, Félix. 1925-1995. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995. 94 p. (Coleção TRANS).

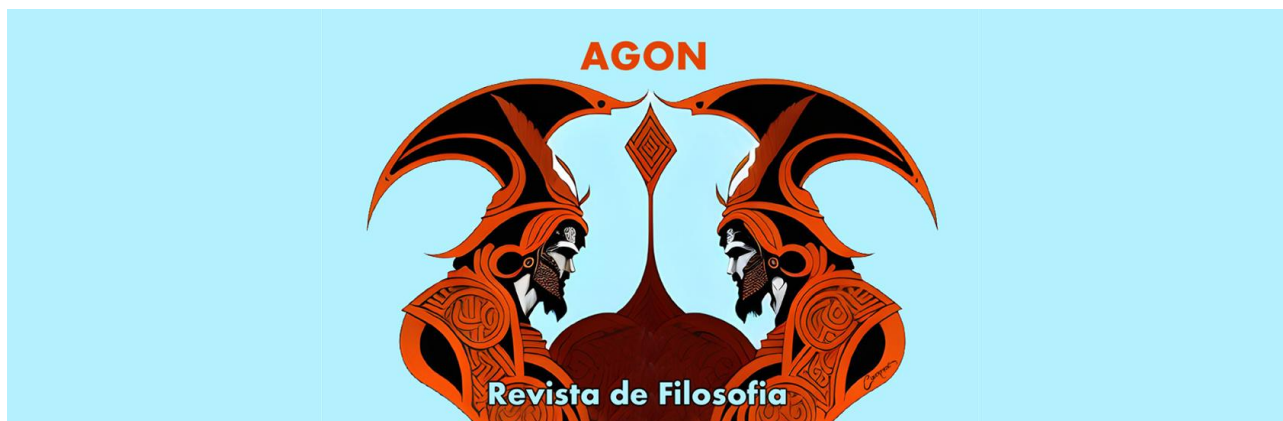
DELEUZE, Gilles. **POST-SCRIPTUM**: sobre as sociedades de controle. In: Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **ESPINOSA**: Filosofia prática. Ed. Escuta, São Paulo, 2002.

_____. **EMPIRISMO E SUBJETIVIDADE**: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981). 2ª edição. Seleção e Introdução de Emanuel Fragoso e Hélio Rebello Jr. Fortaleza: Editora da UECE, 2012.

DELMAZO, Caroline; **VALENTE**, Jonas C.L. **FAKE NEWS NAS REDES SOCIAIS ONLINE**: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Revista Media &



Jornalismo, 2018. Disponível em: 5682-Texto%20do%20Artigo-21421-1-10-20180518.pdf
Acesso em: 30/04/2021.

GUATTARI, Félix. O INCONSCIENTE MAQUÍNICO: ensaios de esquizo-análise. Campinas: Papirus Editora, 1988.

_____. As Três Ecologias. Campinas: Papirus Editora, 1990.

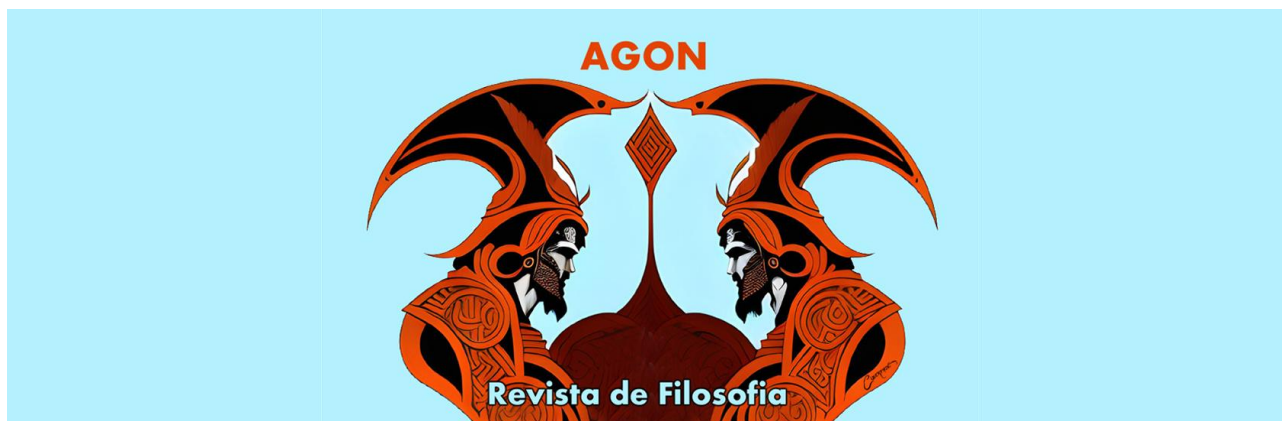
_____. **CAOSMOSE:** um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Da produção de subjetividade. In: Imagem-Maquínica. Parente, A. (org). Rio de Janeiro, 34, 1993. p. 177-191.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. Império – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2003.

JORNAL CONTÁBIL. Redes Sociais crescem 40% durante a pandemia. Rede Jornal Contábil, por Gabriel. 17 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.jornalcontabil.com.br/redes-sociais-crescem-40-durante-a-pandemia/>
Acesso em: 28/01/2021.

MALAVÉ, Mayra Malavé. O papel das redes sociais durante a pandemia. Site IFF – Instituto Fernando Figueira, 18 Maio 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais> Acesso em: 27/06/2021.



MÔNICA, Hospital Santa. **REDES SOCIAIS E SAÚDE MENTAL**: será que existe influência? Site Hospital Santa Mônica, 5 de novembro de 2020. Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/> Acesso em: 29/06/2021.

MOROZOV, Evgeny. **BIG TECH**: a ascensão dos dados e a morte da política. Trad. Cláudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

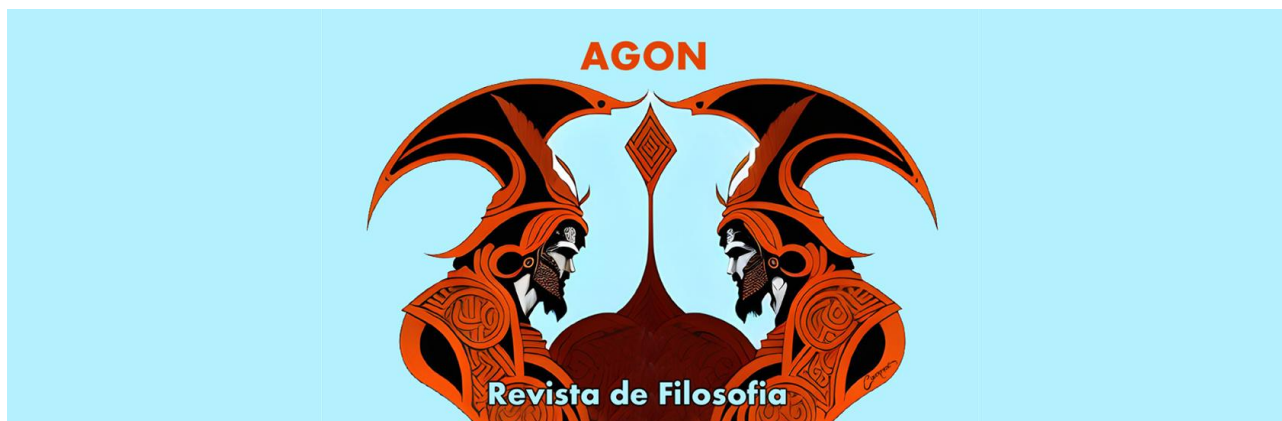
MOTA, Inês Montes Pinto Milheiro da. O impacto da pandemia na utilização das Redes Sociais. Dissertação apresentado à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em Gestão. Católica Porto Business School, abril de 2022.

O DILEMA DAS REDES (THE SOCIAL DILEMMA). Diretor: Jeff Orlowski. Produção Original Netflix. Local: EUA, 2020.

PENACHIONI, Julia. **GUISORDI**, Patricia Cucio. **PRADA**, Thiago. **A BANALIDADE DO MAL NA ATUALIDADE**: as redes sociais online como espaços de guerra. Aurora: Revista de arte, mídia e política. São Paulo, vol. 9, n. 25, 2016.

PRIVACIDADE HACKEADA. Netflix. Direção: Karim Amer, Jehane Noujaim. Califórnia, 2019.

RAVACHE, Guilherme. **GUERRA CIVIL PELO LUCRO**: como a luta pela sua atenção destrói a democracia. Site Carta Capital, publicado em 16/02/2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opinioao/guerra-civil-pelo-lucro-como-a-luta-pela-sua-atencao-destroi-a-democracia/> Acesso em: 19/02/2022.



RECUERO, Raquel. **COMUNIDADES EM REDES SOCIAIS NA INTERNET:** Proposta de Tipologia baseada no Fotolog.com. Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação, ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

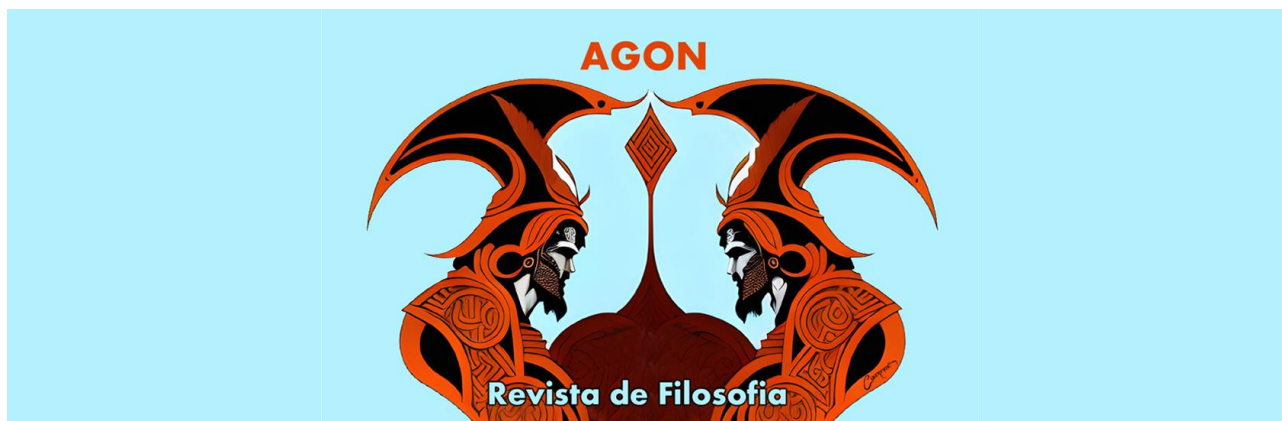
_____. Redes sociais na internet / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura) 191 p.

SAFERNET. Indicadores da Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos. Safernet Brasil. Salvador – BA, 10/01/2025. Disponível em: <http://indicadores.safernet.org.br/> Acesso em: 05/02/2023.

SANTOS, Diana Pereira. **MARKETING DIGITAL EM REDES SOCIAIS:** a propaganda online como ferramenta de influência ao consumidor digital. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de São Paulo. Caraguatatuba – SP, 2018.

SIBILIA, Paula. O show do eu. Paula Sibilia; coordenação César Benjamin – 2. ed., ver. – Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de. **CARDOSO**, Carla. **AS REDES SOCIAIS DIGITAIS:** Um mundo em transformação. Revista Agenda Social. l. V.5, nº1, jan-abr/2011, p. 65 - 78 , ISSN 1981-9862. Disponível em: <https://silo.tips/download/as-redes-sociais-digitais-um-mundo-em-transformacao> Acesso em: 10/08/2021.



SOUZA, Karlla; **CUNHA**, Mônica Ximenes Carneiro da. **IMPACTOS DO USO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS NA SAÚDE MENTAL DOS ADOLESCENTES**: uma revisão sistemática da literatura. Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Alagoas /Brasil. Educação, Psicologia e Interfaces, Volume 3, Número 3, p. 204-217, Setembro/Dezembro, 2019.

SPINOZA, B. 1632-1677. Ética. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. Tratado Político. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

TRINDADE, Luiz Valério. Discursos de ódio nas redes sociais. Luiz Valério Trindade. – São Paulo: Jandaíra, 2022.

TRIVINHO, Eugênio. **REDES**: obliterações no fim do século. São Paulo: Annablume / FAPESP, 1998.